

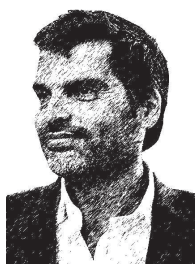
Recordando Stefan Zweig

Manda a prudência, uma virtude mais conservadora do que eu próprio, que não me aventure por mares que não saberia navegar.

Não quero, não sei, não posso, acrescentar muito ao debate historiográfico sobre a Magna Carta de 1215. Perceber em que medida podemos encontrar nela as raízes ou a inspiração do nosso sistema político demo-liberal, ou em que medida a relemos e reinterpretemos à luz, precisamente, dos princípios demo-liberais entretanto comumente aceites, é uma tarefa que deixo a cargo de quem, sobre a matéria, é mais esclarecido do que eu.

Pelo meu lado queria, por ocasião desta edição de 2015 do Estoril Political Forum, por ocasião desta efeméride, por ocasião desta festa da Liberdade, deixar-vos com a semente de uma reflexão bem mais prosaica. Permitam-me, para isso, e prometo ser muito breve, que me sirva de um excerto de um belíssimo texto escrito por dos meus autores de sempre.

«Quando tento encontrar uma fórmula que descreva a época na qual cresci (...) penso ter encontrado a mais precisa se disser: foi o período áureo da segurança. Tudo na nossa democracia (...) parecia construído para durar sempre, sendo o próprio Estado o garante supremo dessa estabilidade. Os direitos que ele assegurava aos seus cidadãos eram ratificados pelo parlamento, representação livremente eleita do povo, e cada obrigação estava definida com precisão. (...) No seu idealismo liberal, o século (...) estava sinceramente convencido de se encontrar no caminho certo e infalível que levava ao melhor de todos os mundos. Era com desdém que se olhava para as épocas passadas, com as suas guerras, fomes e revoltas, como para um tempo em que a humanidade ainda era menor e insuficiente-



POR
Pedro Norton

CEO Impresa. Presidente do Conselho Estratégico do Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica Portuguesa

mente esclarecida. Agora, porém, era apenas uma questão de décadas até terem sido definitivamente ultrapassados os últimos vestígios do mal e da violência, e a crença no progresso ininterrupto, imparável tinha para essa época a força de uma verdadeira religião; já se acreditava mais nesse progresso do que na Bíblia, e o seu Evangelho parecia irrefutavelmente comprovado pelos novos milagres diários da ciência e da técnica. Efectivamente, para o final desse pacífico século, a prosperidade tornava-se cada vez mais visível, cada vez mais rápida, cada vez mais diversificada.

(...) Também se progrediu no campo social; de ano para ano o indivíduo adquiria novos direitos, a justiça era aplicada de forma mais branda e humana e até o maior problema de todos, a pobreza das massas, já não parecia ser insolúvel. Concedia-se o direito de voto a círculos cada vez mais alargados, dando-lhes a possibilidade de defenderem os seus interesses pelas vias legais. (...) Acreditava-se tão pouco em retrocessos bárbaros, por exemplo em guerras entre os povos da Europa, como em bruxas ou fantasmas. Os nossos pais estavam imbuídos de uma inabalável confiança na força da tolerância e da conciliação que infalivelmente tudo une. Acreditavam sinceramente que as fronteiras das divergên-

cias entre nações e confissões se diluiriam no humano colectivo e que, desse modo, a paz e a segurança [eu acrescentaria a Liberdade], os mais preciosos bens, seriam partilhados por toda a humanidade.»

Quem escrevia com esta imensa nostalgia era o escritor, o romancista, o poeta, o biógrafo austríaco de origem judaica, Stefan Zweig. O homem a quem Max Ophuls, também ele de origem judaica, pediria mais tarde emprestado um dos filmes da minha vida (mas essa é uma história que para aqui não é chamada). O mais significativo de tudo isto é saber que a sociedade pacata, ordeira, pacífica, segura, mas sobretudo livre que olhava esperançosamente o futuro com esta certeza geométrica das grandes narrativas lineares, iria durar pouco mais. O mundo livre de Zweig, o seu «Mundo de Ontem», o mundo confortável da burguesia austríaca, começou a desabar no dia 14 de Junho de 1914 e, para todos os efeitos práticos, já não existia quatro anos passados. O mundo eternamente tranquilo de que fala Zweig, caiu com o atentado de Sarajevo, foi desmembrado em 1918, viu a chegada de ajuda financeira externa para evitar a bancarrota em 1922, viveu a instabilidade política e a guerra civil para acabar oficialmente no anchluss de 1938. Sendo que os horrores da segunda guerra eram ainda, então, um impensável futuro que haveria de fazer-se.

Hoje, oito anos passados, sobre o início da crise financeira mundial, dificilmente fariamos um retrato tão esperançoso da sociedade em que vivemos. Aprendemos à nossa custa que a prosperidade não dura para sempre, que o progresso económico não é uma realidade imparável. Mas julgo não me enganar se disser que cada um de nós seria capaz de se rever na visão esperançosa de Zweig sobre um futuro em que estariam para sempre inscritos, pelo menos no mundo ocidental, os ideais da paz, da democracia e da liberdade.

Pois eu, que talvez possa ser rotulado de pessimista, aprendi, em boa medida no IEP, a desconfiar das certezas imutáveis, dos amanhãs que cantam, e a aprender com as desventuras do passado. E julgo pois, neste dia, neste fórum, em que celebramos a democracia, a paz e a liberdade, que vale a pena lembrar que estes não são necessariamente «aquis» civilizacionais eternos. E que a melhor forma de os celebrar, a melhor forma de os proteger, é também tomar consciência da sua imensa fragilidade. ■